

INTRODUÇÃO

“Deus é luz”; “Deus é amor”; “Se alguém disser: ‘Eu amo a Deus’, mas odeia seu irmão, esse tal é um mentiroso. Pois quem não ama seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê”: estas são expressões fortes que, em geral, se conhecem como estando presentes na Bíblia. O que talvez não se reconheça à primeira vista é onde elas se encontram no interior deste livro volumoso.

Pois bem, neste livro, será oferecido um guia de leitura a três escritos que formam o Novo Testamento: as chamadas “cartas de João”; é na primeira delas que as frases acima citadas se encontram. Vamos estudar essas cartas em conjunto porque estão em conexão muito próxima uma com as outras. E nem é apenas porque parecem ter um mesmo autor, mas porque certamente se referem a uma mesma situação vivida por uma ou mais comunidades seguidoras de Jesus, cerca de setenta anos após a morte dele, um pouco depois do ano 100. E por que “de João”, se esse nome não aparece em nenhuma das cartas? Bem, na verdade, não se sabe se foi um *João* que as escreveu, nem se foi uma mesma pessoa a responsável pelas três cartas. É um problema parecido com o encontrado no caso do *Evangelho segundo João* e mesmo nos outros três evangelhos presentes no Novo Testamento: são obras anônimas, ou seja, obras escritas por pessoas que não deixaram indicados os seus nomes. É diferente o caso do Apocalipse, onde, logo no início do texto, se encontra a referência a um profeta chamado João.

Na situação que nos interessa, a pessoa responsável por 2 e 3 João se apresenta como “o ancião”, expressão que indica não apenas alguém com mais idade, mas um sujeito respeitado e reconhecido nesta(s) comunidade(s) (na língua grega a palavra para designá-lo é *presbítero*). Um bom tempo

depois, esse ancião acabou sendo chamado de João, e agora, por uma razão de extrema importância: ia ficando claro que essas cartas têm ligação muito direta com aquele evangelho que começava a ser identificado como *segundo João*. Ao que parece, essas três cartas que o Novo Testamento chama “de João” foram escritas para a(s) mesma(s) comunidade(s) que já havia(m) recebido o Evangelho segundo João, ou pelo menos para uma parte dela(s). Ao longo das páginas deste livro, isso deverá ficar claro. Disso vêm algumas consequências e exigências para a reflexão que será proposta: o entendimento das intenções de quem escreveu essas cartas pede um conhecimento do quarto evangelho do Novo Testamento, do ambiente em que ele foi escrito, de como se situava a comunidade no contexto em que se encontrava e diante dos desafios que se colocavam para ela. Nesse sentido, serve como apoio o livro *Lendo o evangelho segundo João*: para que todos tenham vida, desta mesma coleção “Lendo a Bíblia”. Ali já se encontram algumas referências que mostram a ligação que as cartas têm com o evangelho e com os caminhos, descaminhos e desafios vividos pela(s) comunidade(s).

Com essas primeiras indicações, ficam claros alguns pontos que servirão de guia para a reflexão proposta neste livro: se as três cartas são dirigidas a alguma(s) comunidade(s) que já conhecia(m) o *Evangelho segundo João*, será preciso tomar contato com a realidade vivida por ela(s). Afinal de contas, as cartas não foram escritas à toa; tinham a intenção de interferir na experiência cotidiana que ela ia realizando, a partir do entendimento que quem as escreveu tinha dessa experiência. Há uma relação entre os textos das cartas e o contexto partilhado por quem as escreve e quem as recebe pela primeira vez. Será preciso identificar, na medida do possível, quase dois mil anos depois, os traços mais importantes dessa experiência e desse contexto. Para isso, temos os dados encontrados no interior das próprias cartas, além de mais alguns complementares, vindos de outros textos do Novo Testamento e de fora dele.

Com isso, fica indicado o roteiro deste pequeno livro, que será dividido em duas partes principais. Na primeira,

começarei com umas observações de ordem mais geral apresentando os textos, especialmente mostrando as relações entre eles e deles com o *Evangelho segundo João*. Maior atenção, é claro, será dada à primeira das cartas, por ser bem mais extensa que as outras duas, e muito mais importante por conta dos conteúdos que comunica. Em seguida, passarei a buscar elementos que nos ajudem a entender o que poderia estar ocorrendo com a comunidade, e que levou o “ancião” a escrever essas cartas. Finalmente, proporei uma visão de conjunto a respeito de como as cartas procuram intervir nos rumos que a(s) comunidade(s) está(ão) trilhando.

A segunda parte será mais extensa, e é a mais importante: a leitura e o comentário do texto de cada carta, sempre tendo em conta que se trata de alguém muito concreto, com os pés no chão, escrevendo a uma comunidade ou a algum de seus líderes, também eles situados na trama da vida, enfrentando dilemas que muitas vezes se parecem com aqueles que fazem o nosso dia a dia. Em tempos de autoritarismo e de descaso para com a vida da gente mais pobre, muitas vezes praticados em nome de Deus e de Jesus; em tempos em que as práticas mais elementares de solidariedade e irmandade são ignoradas ou desqualificadas em nome de valores como o mérito, o sucesso e o “cada um por si”; em tempos em que os grupos e poderes dominantes na sociedade impõem a violência como forma de enfrentar as consequências da injustiça e da desigualdade; nestes tempos em que não faltam o desânimo e a frustração por conta da perda de direitos e de conquistas imposta por esses mesmos grupos dominantes, pode ser inspirador tomar contato com uma comunidade que tratava de seguir a Jesus em tempos que também eram desafiadores.

Uma última palavra antes de avançar: ao longo deste livro, se falará da comunidade que recebeu as cartas que são aqui o objeto de estudo. Mas é muito provável que estejamos diante de algumas delas, ou vários pequenos grupos com os quais mantêm contato e sobre os quais o autor exerce uma liderança que, de alguma forma, está sendo contestada. Assim, quando se falar aqui da “comunidade” que está recebendo as

cartas, é bem possível pensar em cenários bem diversos. Trabalharei com as seguintes possibilidades: a) 1 João foi dirigida às várias comunidades ou grupos ligados ao autor; b) 2 João foi escrita a uma dessas comunidades; c) 3 João tem como destinatário um líder de uma dessas comunidades, que pode ou não ser aquela que recebeu 2 João.

Primeira Parte

AS CARTAS E A COMUNIDADE

1. As cartas e o evangelho

O *Evangelho segundo João* é o único dos quatro que compõem o Novo Testamento a ser acompanhado de três cartas. Não acontece nada parecido com os evangelhos segundo Mateus, Marcos e Lucas (no caso deste último, os *Atos dos Apóstolos* são claramente uma continuação, não um texto à parte que se junta ao evangelho). Será importante verificar a razão disso. Então vamos devagar.

Existe mesmo um parentesco muito grande entre as cartas, especialmente a primeira, e o evangelho joanino. Preste atenção ao modo de se escrever, à maneira como as frases são feitas, às palavras e expressões que se repetem. Vamos tomar um exemplo. Em João 13,34-35, lemos o seguinte:

Eu dou a vocês um **mandamento novo: amem-se uns aos outros**. Assim como eu amei vocês, **que vocês se amem uns aos outros**. **Se vocês tiverem amor uns aos outros**, todos vão reconhecer que vocês são meus discípulos.

Essa passagem é conhecida. É Jesus que aparece exortando seus discípulos, no contexto da ceia e do lava-pés que acabou de acontecer, pouco antes de ser preso e executado. Note que, só no evangelho joanino, Jesus propõe um “mandamento novo”. E é apenas nele que aparece esse conteúdo: o amor que os discípulos devem ter uns pelos outros. Perceba ainda que, nas três frases, está presente o conteúdo de tal mandamento.

Feitas essas observações, vamos agora a uma passagem de uma das cartas de João:

Amados, este **mandamento** que estou escrevendo não é **novo**. É o **mandamento antigo**, aquele que vocês receberam desde o começo. Este **mandamento antigo** é a palavra que vocês ouviram. Mas o **mandamento** que agora lhes escrevo é **novo**, e é verdadeiro em Jesus e em vocês (1Jo 2,7-8a).

Mandamento que não é novo, mandamento antigo, mandamento que é novo: um jeito de se expressar por meio da repetição, que já tinha aparecido no texto do evangelho. Mas agora não é Jesus que está falando aos discípulos; é o autor da carta escrevendo a sua comunidade. Além disso, ao que parece esse autor conhece o “mandamento novo” de Jesus: ele o trata como “antigo”, porque a comunidade o recebeu já faz algum tempo; mas é sempre novo. Podemos então resumir, sem que se possa, é claro, “bater o martelo” quanto a estas conclusões:

- a) parece que o quarto evangelho foi escrito antes das cartas;
- b) quem escreveu a(s) carta(s) e quem a(s) recebeu conhece o quarto evangelho.

Ou seja: tudo indica que as cartas foram escritas para comunidade(s), ou grupo(s) dentro dela(s) que conhece(m) o evangelho. Essa(s) comunidade(s) estão ligadas entre si por se verem como herdeiras de uma trajetória muito original, vivida por discípulos e discípulas de Jesus que se juntaram em torno de um tal “discípulo que Jesus amava”, que aparece no *Evangelho segundo João* (13,23; 19,26; 20,2) e de quem não sabemos o nome. Porque ele acabou sendo chamado de João, vamos falar aqui de “comunidade(s) joanina(s)”, ou “comunidade(s) do discípulo amado”.

Vamos a um novo exemplo. Veja algumas frases do chamado “prólogo”, ou seja, a abertura do evangelho joanino:

No princípio existia a Palavra, e a Palavra estava junto de Deus, e Deus era a Palavra.

O que estava nela era a vida, e a vida era a luz dos seres humanos.

E a Palavra se fez carne e armou sua tenda entre nós. E nós contemplamos a sua glória, glória que ela tem como Filho único do Pai, cheio de graça e verdade (Jo 1,1.4.14).

Agora vamos ler o “prólogo” da primeira carta de João:

O que existia desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com nossos olhos, o que temos contemplado e nossas mãos têm apalpado: a Palavra da Vida (porque a Vida foi manifestada, nós a temos visto, e estamos dando testemunho e anunciando a vocês a vida eterna, que estava junto do Pai e foi manifestada a nós); isso que temos visto e ouvido, estamos anunciando a vocês, para que vocês estejam em comunhão conosco (1Jo 1,1-3).

Não é difícil perceber o parentesco entre estes dois inícios, o do evangelho e o da primeira carta. Num texto e no outro aparecem os termos “princípio”, “Palavra”, “vida”, “ver”; “Palavra” é a expressão solene para falar de Jesus na sua relação fundamental com o Pai. Mas as semelhanças param por aí. Vamos anotar algumas diferenças:

- a) quando fala de “princípio”, o evangelho fala da realidade anterior à criação do mundo em que vivemos, antes de todo tempo; já na carta, seu autor fala do que acontecia desde os primeiros tempos da caminhada das comunidades seguidoras de Jesus;
- b) no evangelho, se diz: “nós vimos” a glória de Jesus, a Palavra que se fez carne. Ou seja, a comunidade joanina era feita de pessoas que tinham sido capazes de perceber naquele homem que tinha vindo de Nazaré a manifestação mais radical e mais clara de Deus. Tinham visto a Deus em Jesus (veja Jo 14,9). Vamos

agora entender o que diz o texto de 1 João: o que seu autor diz que viu é acompanhado daquilo que ele diz ter apalpado: o Jesus “carne e osso”, por assim dizer (embora a questão seja mais complexa; voltarei a este assunto mais à frente);

- c) o autor parece acompanhar o pensamento de Tomé expresso no fim do evangelho (Jo 20,24-28): ter visto e tocado Jesus ressuscitado lhe dá autoridade para pedir que o grupo esteja em sintonia com ele que está escrevendo. No fim das contas, se o prólogo do evangelho trata profundamente de Jesus, de sua relação com o Pai, sua missão no mundo e como a figura que reúne a comunidade, o prólogo da carta trata de “nós”, de quem escreve, e daquilo que, no seu entender, permite dirigir-se ao grupo, esperando dele a sintonia, a “comunhão”.

Vamos tirar daí mais algumas conclusões, que nos orientarão no estudo das cartas. Se dá para dizer que o evangelho e as cartas joaninas surgiram no ambiente de um itinerário semelhante trilhado por um grupo de comunidades, e que a escrita do evangelho é anterior à das cartas, também é possível afirmar que quem produz as cartas são outras pessoas, diferentes daquelas que se responsabilizaram pela maior parte do evangelho, por aqueles traços que o fazem tão especial. Mas também é possível que algumas passagens do evangelho que temos em nossas bíblias tenham sido escritas na época do envio das cartas: afinal de contas, sabemos que ele não foi produzido de uma só vez, que muitas mãos, mentes e corações tiveram parte na sua elaboração. E houve, também, textos que foram acrescentados depois que a obra parecia já finalizada. O exemplo mais claro é o de João 21: fica fácil verificar isto porque, no fim do capítulo 20, encontramos uma conclusão que mostra o sentido e a finalidade da escrita do evangelho; o atual capítulo 21 claramente foi escrito e acrescentado depois. Algumas questões e algumas soluções dadas a elas por quem escreve as cartas combinam bem com a mensagem que este apêndice, este complemento ao evangelho, pretende comunicar.

Fica então o desafio de entender essa trajetória que explica a relação tão próxima entre o evangelho e as cartas de João, e também as diferenças de conteúdo e de preocupação entre esses escritos. Isso exige um mergulho nos caminhos trilhados pela comunidade que, ao final das contas, recebeu tanto o evangelho como as cartas. Disso tratarei logo adiante. Antes, é preciso ainda organizar algumas outras observações.

Antes de prosseguir, uma rápida nota: o livro do Apocalipse não entra na reflexão que está sendo proposta aqui. Tudo indica que a “comunidade joanina” que recebeu o evangelho e as cartas nada tem a ver com nenhuma daquelas sete às quais foi dirigido este que é o último livro das nossas bíblias (veja Ap 1,11; 2-3). A linguagem é outra, o ambiente sugerido pelo texto é outro, e a mensagem do livro se diferencia daquela do evangelho (e das cartas) em pontos importantes, que não há como tratar aqui. No momento em que se tratar do ambiente e da situação da comunidade, estas importantes diferenças deverão ficar mais claras.

2. Relações entre as cartas

Agora é o momento de tratar das relações que possam existir entre as três cartas que aparecem com o nome de João. A primeira das três é a mais extensa delas, e o entendimento dela é o mais desafiador. Ela ao mesmo tempo faz uma conexão direta com o evangelho e tem ligações com as duas cartas restantes, principalmente com a segunda. Não é possível “bater o martelo” no sentido de garantir que as três têm o mesmo autor (“o ancião”). É só para facilitar as coisas que vamos aqui pensar que elas foram escritas pela mesma pessoa.

A primeira carta de João não tem exatamente o formato utilizado naquela época para a escrita de uma carta. Já a situação das duas cartas seguintes é bem diferente: elas são muito parecidas na forma e na estrutura; veja só:

- a) nas duas cartas aparece a indicação de quem escreve, o remetente (“o ancião”);

- b) aparece o destinatário, ou seja, para quem a carta é dirigida. No caso da segunda carta, trata-se de “a senhora eleita e seus filhos”. Trata-se de uma expressão para indicar uma comunidade específica e seus membros. Já a terceira é enviada a um fulano em particular chamado Gaio. Ele certamente era um líder comunitário;
- c) ao final das cartas, aparece a despedida do autor, escrita quase com as mesmas palavras num texto e no outro.

Mas entre as duas primeiras cartas há pelo menos um elemento importantíssimo de conexão, que logo adiante será retomado: em 1Jo 2,18-19 e em 2Jo 7 se fala da presença de muitos “anticristos” no ambiente em que a comunidade se encontra. Ao que tudo indica, esse termo “anticristo” está indicando um mesmo grupo de pessoas que era ligado à comunidade e por discórdias e conflitos acabou afastando-se dela, ou sendo excluído. Com esse dado, fica concluída a relação entre as cartas: 2 e 3 João são muito semelhantes, no tamanho e no jeito da escrita; 1 e 2 João referem-se à tensão com aqueles tais “anticristos”. As ligações entre o evangelho joanino e as cartas (especialmente a primeira) também foram apontadas. Tudo isso leva a confirmar o caminho que havia sido sugerido: fará bem ler esses quatro escritos em conjunto; as três cartas devem ser refletidas tendo em conta o escrito mais amplo e grandioso que é o *Evangelho segundo João*. Mas, principalmente, é preciso ter em conta a situação da comunidade joanina em dois momentos principais de sua caminhada: aquele referente ao tempo em que o evangelho foi escrito, e um outro, poucos anos depois, quando as cartas foram produzidas.

3. Comunidade(s) em crise

Os tempos são muito distantes dos nossos; são quase dois mil anos que nos separam da época em que viveu essa comunidade que estamos chamando de “joanina”. Só podemos desconfiar de como podiam ser as formas de se organizar e viver o cotidiano da gente que a constituía, lendo nas entrelinhas dos textos e contando com informações que venham dos

estudos a respeito da vida nos tempos antigos, naqueles tempos e lugares. Mas essa tarefa de recuperar o que seja possível da vida daquela comunidade é fundamental para que as palavras das cartas sobre as quais vamos refletir apareçam ligadas ao contexto em que elas foram pensadas.

Então vamos lá. Estamos mais ou menos no ano 100, cerca de setenta anos após a morte de Jesus. Um pouco antes deste ano, deve ter sido escrito o *Evangelho segundo João*. Não sabemos onde: muito provavelmente em alguma região próxima daquelas por onde Jesus havia atuado; terras onde, naqueles tempos, grupos de fariseus tratavam de liderar a reorganização da vida social e religiosa do povo que havia sobrevivido à brutalidade de uma ação imperialista e desumana do poderio romano. Ele havia destruído toda a terra de Israel, e a cidade santa de Jerusalém com seu templo tinha sido completamente arrasada, no ano 70.

É com esses líderes fariseus que a comunidade joânica está em conflito, e seus membros acabaram por se verem afastados da sinagoga, até com risco para suas próprias vidas (veja Jo 9,22; 12,42; 16,2). Foi imposta a eles uma ruptura com todos aqueles valores e princípios que os orientavam no cotidiano. Não mais pertenciam ao povo eleito, a quem tinham sido dadas as Escrituras, com quem tinha sido estabelecida uma aliança: coisas deste tipo eram ditas a eles. Eles poderiam recorrer a Javé? Javé continuava a ser seu Deus? A Lei ainda serviria de referência para suas vidas? Essas eram perguntas que eles se faziam. Valeria a pena? Não seria melhor voltar atrás e manter a ligação com a sinagoga?

Esse clima de insegurança e de temor deixou suas marcas no texto do evangelho. Era momento que exigia profundo discernimento. O *Evangelho segundo João* foi escrito para animar aquele grupo a radicalizar o seu entendimento de Jesus e seu testemunho de vida na ligação com ele, para que seus membros não tenham medo de dar os passos que precisam ser dados nesta nova situação, para que não olhem para trás, não pensem em desistir; enfim, para que não fiquem saudosos do passado, daquelas rotinas que as consequências da adesão a Jesus estavam obrigando a alterar. Em Jesus está a

vida! É necessário aprofundar os vínculos com ele, convencer-se mais, cada dia, de que é na escuta da palavra que ele, o enviado de Deus, proclama que está a vida de qualidade, a “vida eterna” (Jo 5,24). A comunidade tem a oportunidade preciosa de aprofundar o sentido de se colocar como discípula de Jesus, na escuta de sua palavra e no serviço aos irmãos que ele ensinou. Com isso, ela definirá uma nova identidade, um rosto diferenciado. Essa situação de exclusão e muitos temores é a chance para criar e trilhar um caminho para uma vida de qualidade (Jo 20,31).

Passam-se alguns anos. Se não temos maiores informações sobre a localização dessa comunidade da qual brotou o evangelho joanino, também não sabemos onde se localizavam os grupos que receberam as três cartas. Mesmo aquele da qual devia fazer parte quem as escreveu não temos como identificar. Se pelos dados que vêm do evangelho inspirador dessas comunidades é possível supor alguma região nas proximidades de Israel como o ambiente de origem delas, nada garante que elas estivessem lá na época em que as cartas foram escritas: perseguições e outros fatores bem podem ter feito com que as pessoas se dispersassem. Talvez por isso a comunidade que recebeu o evangelho tenha sofrido algo desse tipo, já que, pela leitura das cartas, se percebe a existência de vários grupos com algum tipo de ligação e contato. O fato de que em 3 João 7 se fala de um ambiente em que predominam os “gentios” sugere que se está um tanto distante das terras dos filhos e filhas de Israel.

Seja como for, passado este tanto de tempo, as tensões voltam a se manifestar, agora principalmente no interior da(s) comunidade(s). Desentendimentos e conflitos que, de alguma forma, tinham a ver com o entendimento do próprio texto do evangelho. Uma leitura atenta das três cartas e das suas entrelinhas permite notar um processo de divisão bem sofrido. O ponto de partida desta leitura é 1Jo 2,18-19. Nessa passagem, o autor apresenta uma denúncia e um lamento; é como se fosse o fim do mundo:

Filhinhos, estamos na última hora. Vocês ouviram dizer que o Anticristo está vindo. Mas são muitos os anticristos

que têm aparecido! Por isso, sabemos que estamos na última hora. Eles saíram do meio de nós, mas não eram dos nossos. Se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco. Mas eles nos deixaram, para que ficasse claro que nem todos eram dos nossos.

Para o autor, a comunidade está no centro de uma imensa catástrofe. Ou melhor: a catástrofe está no meio da comunidade, dividindo-a. Quando ele fala de “última hora” e de anticristos que chegam, não está tratando de nada comparável, por exemplo, a anúncios como os que encontramos no livro do Apocalipse. Não: os anticristos eram membros da comunidade à qual o autor pertence ou da qual é líder. O v. 19 deixa claros estes dois pontos, muito importantes para o entendimento da carta e dos seus propósitos: a) os tais “anticristos” surgiram dentro da comunidade; b) no momento em que a carta é escrita, eles se encontram fora da comunidade.

Note o termo com que estas pessoas são identificadas: anticristos. Essa palavra servia para designar uma figura maléfica que, segundo alguns, deveria aparecer como indicação do fim dos tempos (veja uma descrição dela em 2 Tessalonicenses 2,1-12). Aqui são os adversários do autor das cartas que são chamados assim. Não dá para não notar a extrema agressividade da linguagem utilizada. Infelizmente, não temos muitas informações a respeito do grupo de “anticristos”, de maneira que temos de contar apenas com o que pudermos perceber “por trás das palavras” das cartas, nas suas entrelinhas. O autor delas faz muitas insinuações sobre como pensavam e agiam esses seus adversários. Veja, por exemplo: 1Jo 1,6.8.10; 2,4.6.9; 4,20. Assim sendo, só tomando todos os cuidados é possível fazer uma ideia aproximada desses “anticristos”; afinal de contas, quem está escrevendo não tem nenhuma simpatia por eles. É como se ele escrevesse para as pessoas que estão do seu lado o que ele esperaria que seus adversários ouvissem.

Ao que parece, esse grupo está sendo muito bem-sucedido na relação que estabelece com outras pessoas do ambiente em que ele se encontra; a mensagem por ele proclamada estaria sendo bem acolhida; é o próprio autor das cartas que nota

isso (1Jo 4,5). Será que os membros desse grupo eram mais bem situados social e economicamente e não estariam colocando seus bens à disposição da comunidade agora que a divisão ocorreu? Veja a esse respeito a questão colocada em 1Jo 3,17: será puro ressentimento do autor? Ou os adversários de fato, ao abandonarem a comunidade a que pertence o autor, a deixaram em situação difícil em relação à vida e à sobrevivência cotidiana? Veja ainda 1Jo 2,16.

Vamos avançar. Parece que os adversários tinham um entendimento das questões religiosas com que o autor das cartas não concorda. Ao que tudo indica, eles se achavam marcados por uma experiência espiritual muito interiorizada. Cada um dos seus membros dizia conhecer e amar a Deus, tinha certeza de estar em comunhão com ele. Provavelmente, o grupo entendia que o batismo produzia a união com Deus, e isso deixava a pessoa livre do pecado, pois a salvação era fruto simplesmente do conhecimento de Deus e de si mesma. Entendia também que a condição humana é totalmente negativa; por consequência, Jesus não podia ser verdadeiramente humano, ele não pode ter vindo “na carne” (1Jo 4,2; 2Jo 7). Nada do que é humano importa. Ou bem poderia ser que houvesse algum tipo de preconceito com a figura histórica de Jesus: um pobre camponês galileu vindo de Nazaré. Ao final, em termos práticos, o amor ao próximo, mesmo aos membros da comunidade, acaba por não importar; o que interessa é exclusivamente a união com Deus e o conhecimento que a pessoa tem a respeito de sua origem e de seu destino.

No entanto, é interessante notar que esse grupo que é atacado nas cartas bem poderia justificar no próprio *Evangelho segundo João* suas posições a respeito da sua experiência religiosa! Nós sabemos bem: os textos costumam dar abertura a várias maneiras de ser entendidos; no caso desse evangelho, parece que os dois grupos que entraram em conflito o conheciam e o tomavam como inspiração. Mas a interpretação que cada um deles apresentava era diferente. Em pelo menos uma situação, essa discordância no entendimento das coisas pode ser percebida de maneira clara. Na verdade, o tema apareceu logo acima: os tais “anticristos” são denunciados pelo autor

das cartas porque estariam negando que Jesus tenha vindo na carne, ou seja, que tenha assumido a condição humana também naquilo que ela tem de mais frágil. Ou, como se disse acima, eles não aceitariam que exatamente Jesus, aquele que foi crucificado, pudesse ser tomado como filho de Deus. Ora, a afirmação de que a Palavra de Deus se fez carne em Jesus está logo no início do evangelho (Jo 1,14)! Será que o grupo adversário negava essa proclamação fundamental? O autor das cartas denuncia que sim, mas é mais provável que a posição fosse outra, aliás muito parecida com a encontrada em vários ambientes eclesiais atuais: Jesus é humano, sim, mas isso não importa muito; não se leva a encarnação de Deus em Jesus até as últimas consequências. Muito menos interessa o caminho histórico trilhado por Jesus, suas opções e ações, e os conflitos em que se viu envolvido.

Mas parece que as questões que opunham o grupo do autor e aquele dos “anticristos” não eram apenas de tipo doutrinal. Provavelmente, havia também outras que tinham a ver com a organização da comunidade, o lugar das lideranças e de como cada uma delas devia entender esse serviço. E de que forma as experiências vividas por cada membro se associavam àquelas próprias à comunidade. Veja as seguintes passagens:

- a) em 1Jo 1,3 ele diz que o seu anúncio, o que está escrevendo a seu grupo, tem por finalidade que “vocês estejam em comunhão *conosco*”. Para justificar essa posição, ele acrescenta logo a seguir: “*nossa comunhão é com o Pai e com o seu filho Jesus Cristo*”. Fica claro: o autor das cartas – junto com mais algumas lideranças – entende ser uma mediação entre a comunidade, de um lado, e o próprio Deus e Jesus seu filho, de outro. Essa ligação passa necessariamente pela autoridade de quem escreve as cartas;
- b) 3 João 9-11 menciona um líder que claramente não aceita a autoridade do autor das cartas e a desafia: Diótrefes. Na carta, ele é acusado de gostar “de ser o mais importante”, de não receber os seus adversários, de usar palavras maldosas em relação a eles e até de